



A Santa Sé

***CARTA DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II
ÀS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS
DA IMACULADA CONCEIÇÃO***

Reverenda Irmã

MARIA ISILDA DE FREITAS

Superiora Geral das

Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição

Há cento e vinte e cinco anos, o Bem-aventurado Papa Pio IX concedia a essa Congregação a aprovação pontifícia, através do rescrito «Sanctissimus Dominus» de 27 de Março de 1876; não quero deixar passar a efeméride sem exprimir a minha viva gratidão pelo esplêndido rasto evangélico que a Família religiosa da Irmã Maria Clara do Menino Jesus soube gravar nestes anos com a sua multiforme actividade caritativa. Não desiludiram a confiança que lhes foi outorgada pelo meu venerado e santo predecessor!

Na segunda metade do século XIX, os ventos da história sopravam contrários e borrascosos, com naufrágio de esperanças sem conta e o bom Deus a fazer dos próprios naufragos salva-vidas, como no caso da Irmã Maria Clara. Nasceu ela em 1843, recebendo no baptismo o nome de Libânia do Carmo; viveu os seus primeiros anos no aconchego dum lar feliz e nobre em todos os sentidos, mas uma epidemia arrebatou-lhe a mãe aos sete anos e o pai aos treze. Conhece a orfandade, sendo recolhida com outros órfãos no Asilo da Ajuda, podendo lá admirar e beneficiar da materna solicitude das Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo que procuravam reatar o crescimento daqueles botões de vida assustados; mas uma perseguição religiosa expulsou as Irmãzinhas de Portugal, e Libânia vê desabar novamente o «tecto familiar» que a resguardava.

Encontra então abrigo no palácio duma família amiga. Aqui é testemunha do fausto e das alegrias da vida mundana, vendo-as tão ruidosas como vazias; e, no vazio que deixam, ouve ecoar cada vez mais forte certos apelos secretos que murmuram no seu coração. Vencendo oposições várias, pelos vinte e cinco anos deixa o palácio e vai entregar-se a Deus no Pensionato de S.

Patrício, que nascera do coração apostólico do Padre Raimundo dos Anjos Beirão com o duplo intento de facilitar a formação da juventude e remediar a penúria de meios no convento adjacente das Capuchinhas de Nossa Senhora da Conceição: nasceram estas em 1710 como irmãs terceiras seculares de S. Francisco de Assis, sendo um dos seus votos confessar, pública e particularmente, a Imaculada Conceição da Soberana Mãe de Deus. Libânia é acolhida na comunidade, com o nome de Irmã Maria Clara do Menino Jesus.

Dado que a perseguição impedia a profissão religiosa em Portugal, ela e mais duas foram até França para fazer o noviciado na casa que a Ordem Terceira Regular de S. Francisco de Assis tinha em Calais. «Tendo examinado e conhecido as grandes obras de caridade» que lá realizavam, a Irmã Maria Clara e suas companheiras, ao regressarem a Portugal, «adoptaram com a maior perfeição possível a mesma Regra, os mesmos costumes e o mesmo hábito»: lê-se na súplica de aprovação feita pela fundadora à Santa Sé, que a acolheu favoravelmente concedendo às Irmãs Hospitaleiras de Portugal «os mesmos privilégios espirituais de que legitimamente goza a supramencionada Congregação francesa» (*Rescrito Pontifício*).

Para as leis portuguesas, que sofriam então de miopia, a nova entidade era apenas mais uma «associação de beneficência»; mas, aos olhos do Pai celeste, é «a presença amorosa e salvadora de Cristo, (...) um prolongamento da sua humanidade» (Exort. ap. pós-sinodal *Vita consecrata*, 76), pois «as pessoas que seguem Cristo pelo caminho dos conselhos evangélicos também hoje se propõem ir até onde Cristo foi e fazer o que Ele fez» (*Ibid.*, 75). E que fez Jesus? - «Veio procurar e salvar o que estava perdido» (*Lc* 19, 10), e fê-lo à custa da própria vida. Este desígnio eterno que abraça as sucessivas gerações humanas é visível no carisma da hospitalidade oferecida aos pobres e abandonados: vidas truncadas que clamam vida.

Há uma página bíblica, do tempo dos Patriarcas, que pode ser lida como parábola da missão das Irmãs Hospitaleiras, parecendo um contraponto do itinerário e carisma da Irmã Maria Clara. Ei-la: «Isaac abriu novamente os poços que tinham sido abertos no tempo de Abraão, seu pai, e que os filisteus entulharam após a morte de Abraão (...). Os servos de Isaac, prosseguindo as suas escavações no vale, descobriram uma nascente de águas vivas, mas os pastores de Guerar entraram em conflito com os pastores de Isaac, e disseram: "Esta água pertence-nos". Isaac, então, deu a esse poço o nome de Esek, por lhe terem impugnado caluniosamente a sua propriedade. (...) Partiu imediatamente dali, e, mais adiante, abriram um poço, a respeito do qual n o houve discussões, e deu-lhe o nome de Rehobot, porque ele disse: "O Senhor agora colocou-nos ao largo, e havemos de prosperar nesta terra"» (*Gn* 26, 18- 22).

O texto traz à mente a força de Deus que moveu a Irmã Maria Clara a tirar do estado de abandono em que se encontrava a comunidade das Capuchinhas de Nossa Senhora da Conceição elevando-as a Instituto, «a fim de se unirem mais intimamente a Deus, que as chamava a coisas mais altas» (a citada súplica de aprovação, 28-XI-1875); ou então quando a Congregação retoma, como próprio nome e desafio de santidade, o voto que aquelas faziam:

confessar a Imaculada Conceição que hospedou o Verbo de Deus; ou quando, após a morte da última Religiosa Trinitária no Convento das Trinas, Irmã Maria Clara tem de lutar pela posse do mesmo, como aliás lhe estava prometido pelo Governo, vindo a tornar-se a segunda Casa-Mãe da Congregação; ou quando a varíola espalhou o terror entre a população de Goa (Índia) que não sabe fazer mais nada senão descarregar para o Lazareto dos Reis Magos os atingidos pela epidemia: ninguém se aproxima das vítimas; e as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras oferecem-se voluntárias ao Governador para tratar daqueles infelizes, fiéis à norma que a si mesmas se deram: «Onde houver o bem a fazer, que se faça».

A confiança ilimitada na providência do Pai celeste manterá a paz no coração das suas filhas, ocupadas hoje como ontem a desentulhar «os poços humanos» que a sorte maltratou. Sabem que Deus os deixou abertos para o Céu, e quer que eles «tenham vida e a tenham em abundância» (*Jo 10, 10*).

Perante os numerosos problemas e urgências que parecem às vezes comprometer e até mesmo transtornar a vida consagrada, as filhas da Irmã Maria Clara procurem «ler em profundidade os desígnios da Providência. Ele chama a vida consagrada a elaborar novas respostas para os problemas novos do mundo actual. São solicitações divinas, que só almas habituadas a procurar em tudo a vontade de Deus conseguem captar fielmente e, depois, traduzi-las corajosamente em opções coerentes seja com o carisma originário, seja com as exigências da situação histórica concreta» (*Vita consecrata*, 73). Uma das ocasiões propícias para tal leitura são os Capítulos Gerais, aproximando-se o XXIV dessa Congregação: sobre as capitulares imploro abundantes dons e luzes do Alto para um trabalho fraterno, ousado e fecundo segundo Deus.

Enquanto dou graças ao Senhor pelo bem imenso que semeou, ao longo destes 125 anos, através das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, renovo à Congregação inteira a confiança do Sucessor de Pedro e concedo a cada um dos seus membros, extensiva a quantos são objecto da sua solicitude, a minha Bênção Apostólica.

Vaticano, 27 de Março de 2001.

JOÃO PAULO PP. II

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana